

## A CIDADE PERDIDA

JAMES ROLLINS

# A CIDADE PERDIDA

Um romance da série Força Sigma

Tradução de  
JOANA CHAVES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2015

*Para Katherine, Adrienne e RJ,  
a próxima geração*

## AGRADECIMENTOS

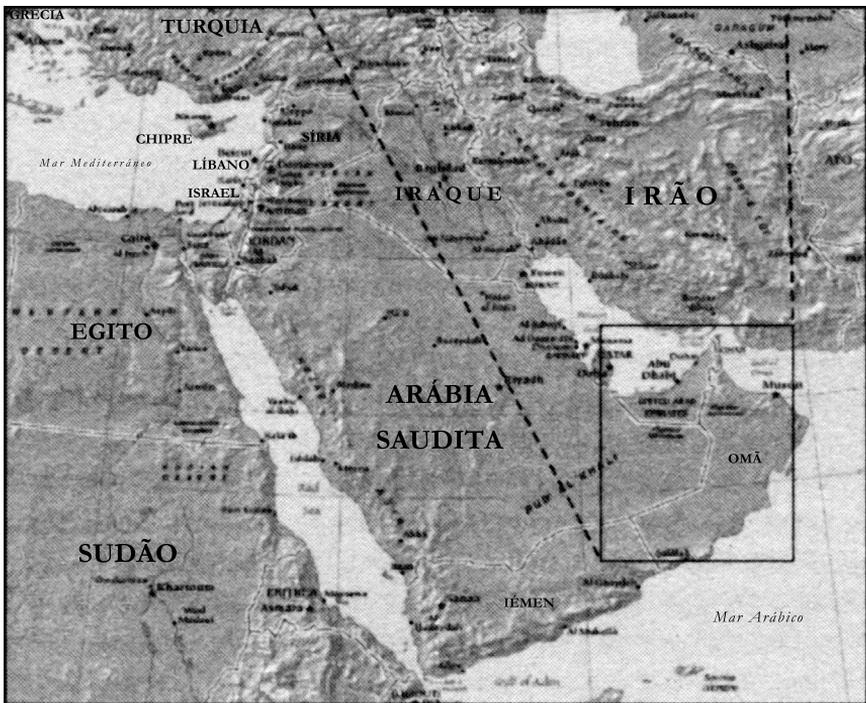
Beneficiei da ajuda de muitos. Antes de mais, devo agradecer e prestar reverência a Carolyn McCray pela incansável amizade e orientação desde a primeira à última palavra... e mais além. E a Steve Prey pela sua crucial ajuda, empenhada e pormenorizada, com a esquemática, a logística, as ilustrações e os registos sonoros. E à sua mulher, Judy Prey, por nos ter aturado, a mim e a Steve e às muitas requisições desesperadas de última hora do seu tempo. Os mesmos esforços adicionais foram exigidos, aceites e excedidos por Penny Hill (com a assistência de Bernie e Kurt, obviamente). Pela ajuda quanto aos pormenores da obra, devo agradecer a Jason R. Mancini, investigador principal do Mashantucket Pequot Museum. E pela ajuda relativamente às línguas, agradeço a Diane Daigle e David Evans. Para lá disso, o livro não seria o que é sem os meus principais conselheiros, que me censuram regularmente; por ordem aleatória: Chris Crowe, Michael Gallowglas, Lee Garrett, David Murray, Dennis Grayson, Dave Meek, Royale Adams, Jane O'Riva, Kathy Duarte, Steve Cooper, Susan Tunis e Caroline Williams. Para o mapa aqui utilizado, os meus agradecimentos à fonte: *The CIA World Factbook 2000*. Por último, o meu reconhecimento às quatro pessoas que se mantêm os meus mais fiéis apoiantes: a minha editora, Lyssa Keusch; os meus agentes, Russ Galen e Danny Baror; e o meu publicista, Jim Davis. E como sempre, reclamo a total responsabilidade por todos e quaisquer erros de facto ou de pormenor.

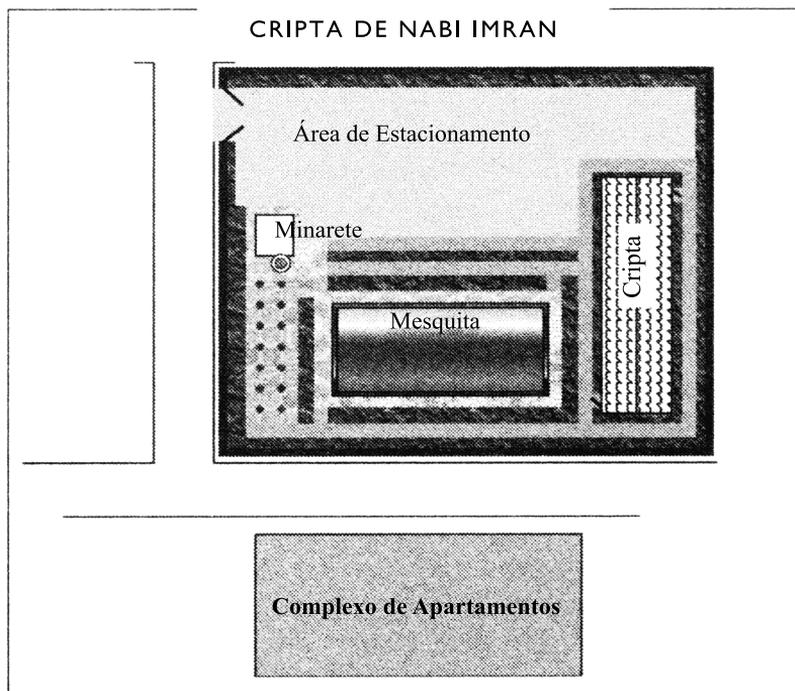
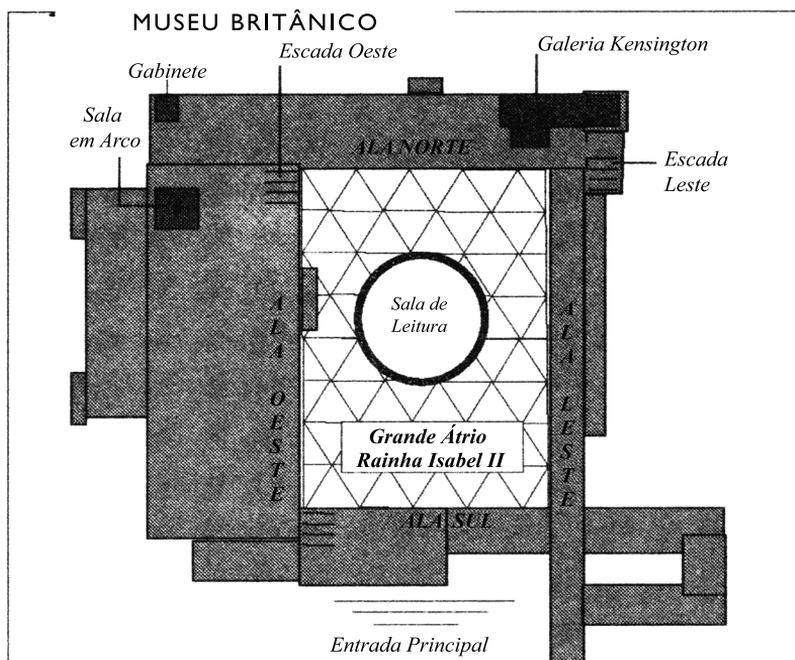
DOSSIÊ DE MAPAS DE ARQUIVO

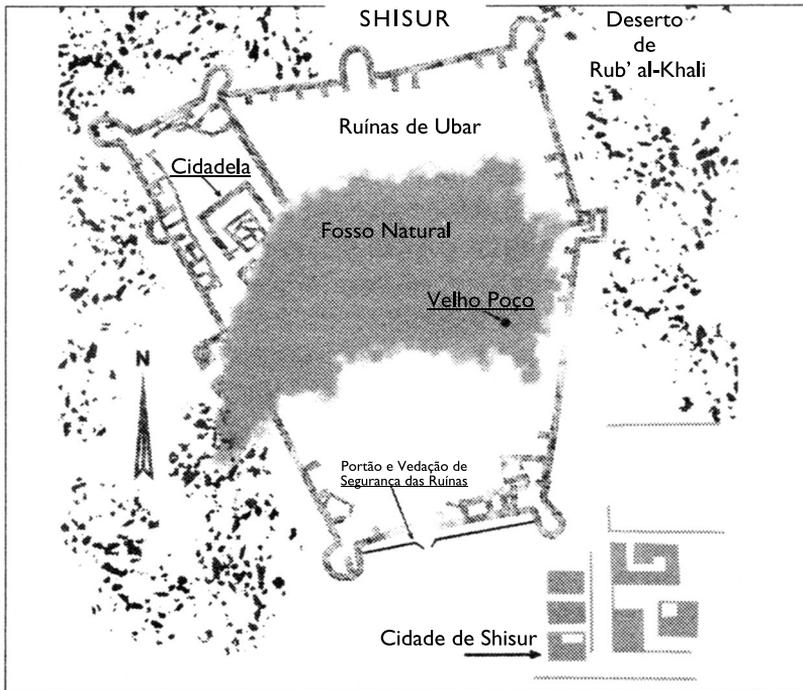
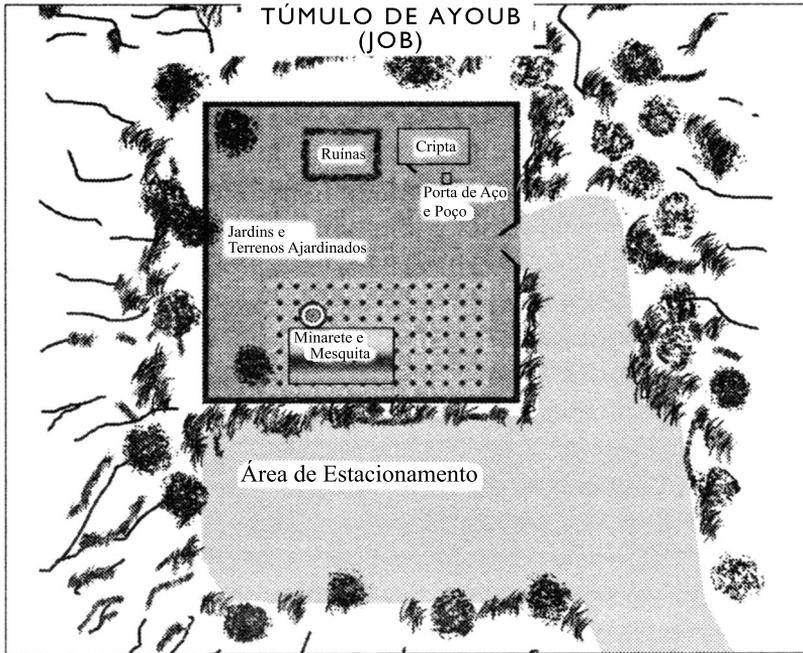
CÓDIGO DO DEPARTAMENTO DE DEFESA:  
ALFA42 — PCR

*FORÇA SIGMA*

## PENÍNSULA ARÁBICA







PARTE UM

A CIDADE PERDIDA

## FOGO E CHUVA

◊ Ψ ) &gt; | ħ 4 ¶ | ( ħ Ψ 4

**14 de novembro, 01h33**  
**Museu Britânico**  
**Londres, Inglaterra**

Harry Masterson estaria morto treze minutos mais tarde.

Se o soubesse, teria fumado o último cigarro até ao filtro. Em vez disso, esmagou o pequeno rolo após três puxadas e afastou a nuvem de fumo do rosto. Se fosse apanhado a fumar fora da sala de descanso dos guardas, seria posto na rua por aquele canalha do Fleming, o chefe de segurança do museu. Harry já estava sob vigilância por ter chegado duas horas atrasado ao turno, na semana anterior.

Praguejou baixinho e meteu no bolso o cigarro esmagado. Terminá-lo-ia na próxima pausa... isto é, se houvesse pausa nessa noite.

Os trovões ecoavam pelas paredes de alvenaria. A trovoada invernososa acometera mesmo antes da meia-noite, iniciando-se com uma salva tumultuosa de granizo, seguida por um dilúvio que ameaçava fazer Londres desaparecer no Tamisa. Os relâmpagos dançavam pelos céus em configurações bifurcadas, de horizonte em horizonte. Segundo o meteorologista da BBC, tratava-se de uma das mais violentas trovoadas em mais de uma década. Parte da cidade fora obliterada, subjugada por uma impressionante barragem relampejante.

E para azar de Harry foi a *sua* parte da cidade que se obscureceu, incluindo o Museu Britânico na Great Russell Street. Embora dispusessem de geradores de reserva, toda a equipa de segurança fora convocada

para proteção adicional do património do museu. Os outros elementos chegariam na meia hora seguinte. Mas Harry, escalado para o turno da noite, já se encontrava ao serviço quando as luzes normais se apagaram. E embora as câmaras de videovigilância continuassem operacionais no quadro de emergência, Fleming ordenou que ele e os colegas de turno procedessem a uma patrulha imediata dos quatro quilómetros de salas do museu.

O que significava atuar em separado.

Harry pegou na sua lanterna elétrica e apontou-a para o fundo da sala. Odiava fazer rondas à noite, quando o museu se perdia na obscuridade. A única iluminação vinha dos candeeiros da rua do lado de fora das janelas. Mas agora, com o apagão, até mesmo esses candeeiros se tinham extinguido. O museu escurecera para sombras macabras, entrecortadas pelos lagos carmesins das lâmpadas de segurança de baixa voltagem.

Harry necessitara de algumas golfadas de nicotina para aplacar os nervos, mas não podia adiar mais o dever. Sendo o mais inferior na ordem de hierarquia do turno da noite, fora-lhe atribuído o patrulhamento das salas da Ala Norte, o ponto mais distante do seu abrigo de segurança subterrâneo. Mas isso não significava que não pudesse tomar um atalho. Voltando costas ao longo salão à sua frente, transpôs a porta que conduzia ao Grande Átrio Rainha Isabel II.

Esse átrio central de 8000 metros quadrados era circundado pelas quatro alas do Museu Britânico. No seu centro, erguia-se a Sala de Leitura Redonda com a sua cúpula de cobre, uma das mais belas bibliotecas do mundo. Mais acima, a totalidade dos 8000 metros quadrados fora encerrada por uma gigantesca cobertura geodésica desenhada pela Fosters and Partners, criando a maior área coberta da Europa.

Usando a sua chave-mestra, Harry mergulhou no espaço cavernoso. Tal como o museu propriamente dito, o átrio estava perdido na obscuridade. A chuva tamborilava na cobertura de vidro lá bem acima. Mesmo assim, os passos de Harry ecoavam pelo espaço aberto. Um novo golpe de luz estilhaçou o céu. A cobertura, dividida em milhares de placas triangulares, iluminou-se por um instante de ofuscação. Depois a escuridão voltou a submergir o museu, abatendo-se com a chuva.

Seguiu-se o trovão, sentido fundo no peito. A cobertura ressoou em consonância. Harry encolheu-se, receando que toda a estrutura se despenhasse.

Com a sua lanterna apontada em frente, atravessou o átrio, dirigindo-se à Ala Norte. Circundou a Sala de Leitura central. Um relâmpago dardejou de novo, iluminando o lugar durante algumas pulsações. Gigantescas estátuas, perdidas na escuridão, surgiram de lado nenhum. *O Leão de Cnido* ergueu-se junto à cabeça maciça de uma estátua da ilha da Páscoa. Depois a obscuridade engoliu os guardiães quando o raio se extinguiu.

Harry sentiu um arrepio e o eriçar de pele de galinha.

Apressou o passo. A cada passada praguejava baixinho.

— Maldito pedaço pulgento de merda... — A litania ajudava-o a acalmar.

Alcançou as portas de acesso à Ala Norte e mergulhou no interior, acolhido pela familiar mistura de mofo e amoníaco. Estava grato por ter de novo paredes sólidas à sua volta. Moveu a lanterna pela longa sala. Nada parecia errado, mas era-lhe exigido verificar cada uma das galerias da ala. Fez um cálculo rápido. Se se apressasse, poderia completar o circuito com tempo suficiente para outro cigarro rápido. Com a promessa de uma dose de nicotina a tentá-lo, começou a percorrer a sala, o feixe da lanterna a precedê-lo.

A Ala Norte hospedava a exposição de aniversário do museu, uma coleção etnográfica que oferecia um quadro completo das realizações humanas ao longo das eras, abrangendo todas as culturas. Como a Galeria Egípcia com as suas múmias e sarcófagos. Prosseguiu apressadamente, assinalando as diversas galerias culturais: Céltica, Bizantina, Russa, Chinesa. Cada série de salas estava encerrada por um portão de segurança. Com a falha de energia, os portões tinham descido automaticamente.

Por fim, o outro extremo da sala surgiu à vista.

A maioria das coleções das galerias estavam ali hospedadas apenas temporariamente, transferidas do Museu da Humanidade para a comemoração do aniversário. Mas a última galeria sempre ali estivera, pelo que Harry se conseguia lembrar. Abrigava a exposição árabe do museu, uma inestimável coleção de antiguidades vindas da península Arábica.

A galeria fora impulsionada e paga por uma única família, que enriquecera graças a empreendimentos petrolíferos nessa região. Dizia-se que os donativos para manter a galeria em residência permanente no Museu Britânico excediam os cinco milhões de libras por ano.

Impunha-se respeitar semelhante tipo de dedicação.

Ou não.

Com um suspiro de desdém perante tal desperdício insano de bom dinheiro, Harry fez deslizar o foco da lanterna pela placa de latão gravada por cima da entrada: GALERIA KENSINGTON. Também conhecida como o «Sótão da Megera».

Embora Harry nunca tivesse encontrado Lady Kensington, pelas conversas entre funcionários era claro que qualquer descuido em relação à sua galeria — marcas de pó num armário, uma ficha de exposição com manchas, um objeto antigo não corretamente posicionado — seria severamente punido. A galeria era o seu projeto de estimação pessoal e ninguém resistia à sua ira. Deixara atrás de si um rasto de empregos perdidos, incluindo o de um antigo diretor.

Foi essa preocupação que manteve Harry por mais alguns momentos no seu posto do lado de fora do portão de segurança da galeria. Fez deslizar a lanterna em volta da sala de entrada com mais do que cuidado negligente. Contudo, também aí tudo estava em ordem.

Quando se afastava, desviando a lanterna, um movimento atraiu o seu olhar.

Estacou, o foco apontando para o chão.

Bem dentro da Galeria Kensington, numa das salas mais distantes, um brilho azulado errava lentamente, alterando as sombras à sua passagem.

Outra lanterna... estava alguém na galeria...

Harry sentiu o bater do coração na garganta. Uma intrusão. Encostou-se à parede próxima. Os seus dedos procuraram atabalhoadamente o transmissor de rádio. Pelas paredes, os trovões reverberavam, sonoros e profundos.

Matraqueou o rádio.

— Tenho um possível intruso aqui na Ala Norte. Aguardo instruções.

Esperou que o chefe do turno respondesse. Gene Johnson podia ser um pulha, mas era também um ex-oficial da RAF. Ele sabia do ofício.

A voz do homem respondeu à chamada, mas ruídos engoliram a maior parte das palavras, interferência da trovoada.

— ... possível... tens a certeza?... espera até... os portões estão fechados?

Harry voltou a observar os portões de segurança descidos. É claro que devia ter verificado se tinham sido selados. Cada galeria tinha apenas uma entrada para o salão central. O único outro acesso às salas seladas era por uma das janelas altas, mas estas estavam protegidas contra quebra ou intrusão. E embora a trovoada tivesse deitado abaixo a energia central, os geradores de reserva mantinham o quadro de segurança ativado. Nenhum alarme soara no comando central.

Harry imaginou Johnson já a ligar as câmaras, percorrendo a ala, aproximando-se rapidamente da Galeria Kensington. Arriscou um breve olhar à sequência de cinco salas. O brilho persistia no fundo da galeria. A sua passagem parecia errante, irregular, não o perscrutar determinado de um ladrão. Verificou rapidamente o portão de segurança. O fecho eletrónico emitia uma luz verde. Não fora violado.

Voltou a observar o brilho azulado. Talvez fosse simplesmente a passagem dos faróis de um carro pelas janelas da galeria.

A voz de Johnson pelo rádio, aos cortes, assustou-o.

— Não apanho nada nas câmaras de víd... A câmara cinco está desligada. Fica onde estás... outros a caminho. — As restantes palavras volatilizaram-se, arrasadas pela descarga elétrica da tempestade.

Harry manteve-se junto ao portão. Outros guardas vinham em auxílio. E se não fosse um intruso? E se fosse simplesmente o passar de faróis? Ele já se encontrava numa situação difícil com Fleming. Só faltava pôr-se a ridículo.

Arriscou e ergueu a lanterna.

— Você aí! — gritou. Quis soar autoritário, mas resultou mais como um queixume agudo.

Contudo, não se verificou alteração no padrão errante da luz. Parecia dirigir-se mais para o fundo da galeria — não numa retirada assustada, simplesmente num sinuoso andamento lento. Nenhum ladrão poderia ter tanto sangue-frio.

Harry atravessou até ao fecho eletrónico do portão e usou a chave-mestra para o abrir. Os selos magnéticos soltaram-se. Empurrou o portão para cima o suficiente para rastejar por baixo e entrou na primeira sala. Endireitando-se, ergueu de novo a lanterna. Recusou deixar-se dominar pelo pânico momentâneo. Devia ter investigado mais antes de fazer soar o alarme.

Mas o mal estava feito. O melhor que podia fazer era salvar um pouco a face, esclarecendo ele próprio o mistério.

Gritou de novo, em todo o caso.

— Segurança! Não se mexa!

O grito não surtiu efeito. O clarão prosseguiu a sua marcha resoluta, embora errante, para o fundo da galeria.

Olhou para trás, para o portão de acesso à sala principal. Os outros estariam ali em menos de um minuto.

— Que se lixe — resmungou em voz baixa. Apressou-se para o interior da galeria, perseguindo a luz, determinado a eliminar a sua causa antes que os outros chegassem.

Quase sem um olhar, passou por tesouros de importância intemporal e valor inestimável: armários de vidro com placas de argila do rei assírio Assurbanipal; pesadas estátuas de arenito de tempos pré-pérsicos; espadas e armas de todas as eras; marfins fenícios retratando antigos reis e rainhas; até mesmo uma primeira impressão das *Mil e Uma Noites*, com o seu título original, *O Moralista Oriental*.

Harry continuou a avançar pelas salas, passando de dinastia em dinastia — dos tempos das Cruzadas ao nascimento de Cristo, das glórias de Alexandre Magno aos tempos do rei Salomão e da rainha de Sabá.

Por fim, alcançou a sala mais distante, uma das maiores. Esta continha objetos de maior interesse para um naturalista, todos da região: pedras e joias raras, restos fossilizados, ferramentas neolíticas.

A fonte do brilho tornou-se clara. Perto do centro da sala abobadada, um globo de luz azulada com meio metro de diâmetro flutuava indolentemente cruzando o espaço. Tremulava e a sua superfície parecia envolta numa chama prismática de óleo azul.

Enquanto Harry o observava, o globo atravessou um armário de vidro como se fosse feito de ar. Estacou aturdido. Um odor sulfúreo chegou-lhe às narinas, emanando da bola de luz cerúlea.

O globo rolou por uma das lâmpadas de segurança carmesins, eliminando-a com um estoiro chiante. O ruído fez Harry recuar um passo, assustado. O mesmo destino devia ter calhado à câmara cinco na sala anterior. Lançou um olhar rápido à câmara da sala onde se encontrava. Uma luz vermelha cintilava sobre ela. Ainda estava a funcionar.

Como que notando a sua atenção, Johnson voltou ao rádio. Por alguma razão, não havia perturbação estática.

— *Harry, é melhor saíres daí!*

Harry permaneceu paralisado, em parte por medo, em parte por assombro. Além disso, o fenómeno flutuava *para longe*, em direção ao recanto escuro da sala.

O brilho do globo iluminou uma massa de metal dentro de um cubo de vidro. Era um pedaço de ferro avermelhado do tamanho de um vitelo, um vitelo *ajoelhado*. A ficha de exposição descrevia-o como um camelo. A semelhança era no melhor dos casos elusiva, mas Harry percebeu a representação pretendida. O objeto tinha sido descoberto no deserto.

O brilho ficou suspenso sobre o camelo de ferro.

Harry recuou com precaução e pegou no rádio.

— Céus!

A tremulante bola de luz desceu através do vidro e pousou sobre o camelo. O seu brilho extinguiu-se tão rapidamente como uma vela soprada.

A súbita escuridão cegou Harry por um instante. Ergueu a lanterna. O camelo de ferro permanecia no interior do cubo de vidro, imperturbado.

— Desapareceu...

— *Estás bem?*

— Sim. Que raio era aquilo?

Johnson respondeu, o receio estampado na voz

— *Uma estuporada bola de raios, acho eu! Ouvi histórias de tipos em aviões de guerra quando atravessavam tempestades de trovões. A trovoada deve tê-la cuspidido. Mas diabos me levem se não foi brilhante!*

Já não é *brilhante*, pensou Harry com um suspiro e abanou a cabeça. O que quer que fosse, pelo menos tinha-o salvado da embaraçosa chacota dos colegas.

Baixou a lanterna. Mas quando desviou a luz, o camelo de ferro continuou a brilhar na escuridão. Um intenso brilho vermelho.

— Que raio é agora? — resmungou Harry e agarrou no rádio. Um forte choque de eletricidade estática atingiu-lhe os dedos. Praguejando, sacudiu-o. Ergueu o rádio.

— Há algo de estranho. Acho que...

O brilho do ferro inflamou-se. Harry recuou. O ferro fluía pela superfície do camelo, fundindo-se como se exposto a uma torrente de chuva ácida. Ele não foi o único a notar a mudança.

O rádio vociferou na sua mão:

— *Harry, sai daí!*

Não discutiu. Fez meia-volta, mas era tarde demais.

O recetáculo de vidro explodiu. Lanças penetrantes perfuraram-lhe o flanco esquerdo. Um fragmento denteado cortou-lhe a face. Mas ele mal sentiu os golpes, quando uma onda de calor abrasante o atingiu, cauterizando-o, consumindo todo o oxigénio.

Um grito projetou-se nos seus lábios, para nunca ser expelido.

A explosão seguinte arrancou Harry do chão e lançou-lhe o corpo até ao outro extremo da galeria. Mas apenas ossos em chamas atingiram o portão de segurança, fundindo-se no gradeado de aço.

## 01h53

Safia al-Maaz acordou num pânico de morte. Sirenes soavam de todos os lados. Clarões de luzes rubras de emergência entrecortavam as paredes do quarto. O terror apertou-a como um torno. Não conseguia respirar; um suor frio gotejou-lhe na testa, espremido pela pele comprimida. Os dedos em gancho agarraram os lençóis junto à garganta. Incapaz de pestanejar, ficou presa por instantes entre o passado e o presente.

*Sirenes a retinir, explosões a ecoar à distância... mais perto ainda, os gemidos dos feridos, dos moribundos, a sua própria voz a juntar-se ao coro de dor e de sobressalto...*